

MEU REINO POR UM CAVALO

José Benjamim de Lima

A atual onda, espero que duradoura, de amor aos animais se deve, sem dúvida, ao progresso civilizacional. Cada vez mais, os bichos (uso a palavra sem qualquer conotação negativa) estão sendo vistos por nós, humanos, como parceiros, companheiros de jornada, não como meras utilidades a serem usufruídas ou exploradas. Desconfio que esta onda saudável de amor aos animais possa conter também componente menos nobre: algo a ver com a crescente decepção do ser humano com a sua própria espécie. Mesmo que seja assim, a exigência civilizacional de reconhecimento cada vez maior da dignidade dos animais e da necessidade de sua efetiva proteção é uma realidade de nosso tempo e tem sua virtude própria.

Em precioso e pioneiro artigo no Brasil sobre o tema Natureza e Direito, publicado há alguns anos, o jurista Herman Benjamin já nos lembrava que “até recentemente, o nosso conhecimento filosófico baseava-se no precedente socrático de que somente os assuntos concernentes ao homem possuem dimensão moral” e que “nossa civilização ocidental está impregnada do platonismo espiritualizante, que ‘demonizou’ a natureza, relegando-a a uma condição menor, de colônia a conquistar e de depósito inesgotável de bens a explorar” (*A Natureza no Direito Brasileiro: Coisa, Sujeito ou Nada Disso*)

Esta visão equivocada da natureza, apontada pelo jurista, parece estar, felizmente, mudando. Cada vez mais, a ciência e o próprio ser humano, pela experiência, convívio e estudo, descobrem gradações de consciência nos animais (e até mesmo nos vegetais), reconhecendo-os como sencientes, capazes de sensações, emoções e experiências subjetivas, o que certamente muito contribuirá para que novos paradigmas de simpatia e empatia se consolidem no relacionamento do homem com a natureza e especialmente com os animais. A recente Declaração de Nova York sobre a Consciência Animal (2024), assinada por centenas de especialistas, afirma:

“evidências empíricas indicam ao menos uma possibilidade realista de experiência consciente em todos os vertebrados (incluindo répteis, anfíbios e peixes) e muitos invertebrados (incluindo, no mínimo, moluscos cefalópodes, crustáceos decápodes e insetos)” (Marcelo Leite, artigo *Consciência e Matéria*, jornal Folha de São Paulo, 22/03/26, p. B14).

Embora não conviva atualmente com animais de estimação (experiências anteriores demonstraram que não sou capaz de cuidá-los como merecem), aprecio, um pouco de longe e sem excessos emotivos, a vida animal. E gosto de escrever sobre eles, os bichos, mesmo sem o talento de escritores como Miguel Torga ou Guimarães Rosa, para ficar apenas nestes dois nomes. O Galo Branco, a Cocó, o Titi, os teiús, os burros, os bois, fazem parte da galeria de personagens de minhas crônicas. Também os pássaros – canários, sabiás, corujas, tiês-sangue, maritacas. Todos eles compõem o meu zoo pessoal. Meu bestiário simpático. Variantes de minha simpatia/empatia com o mundo.

Ainda não tratei de peixes, mas eles muito me atraem. Coisa de filho de peixeiro que, na infância, ajudava o pai em seu pequeno comércio. Os peixes são comovidamente belos na sua agilidade e leveza de movimentos, na sua profusão de cores ou escamas prateadas, bem como na sua simpatia e fragilidade inocente. Quem sabe algum dia consiga escrever uma linda história de peixes!

Cavalos também são personagens de minha admiração. Não sei se alguém já se dedicou a historiar detalhadamente a importância para a humanidade desses nobres, garbosos animais que, até bem pouco tempo, foram o mais eficiente meio de transporte individual e coletivo para o ser humano. Tal como os peixes, fizeram parte de minha infância e começo de adolescência.

Bem criança, vivia pelo quintal, montado em meu enfeitado cavalo de pau, apostando corrida com minha imaginação ou com amiguinhos da vizinhança. Por volta dos 12, 13 anos, adorava montar o Estrela, um cavalo real, e, com ele, diariamente, ajudar a tocar o gado, o pequeno rebanho de meu pai, até a distante lagoa

de Homero, chama-se “*Os cavalos de Aquiles*” e assim começa, na bela tradução de José Paulo Paes:

“Ao verem Pátroclo morrer tão jovem
em todo o seu vigor e bravura sem par,
os cavalos de Aquiles puseram-se a chorar.
A imortal natureza deles se insurgia
contra o feito de morte a que assistia”.

Quando Ricardo III, ao final da peça shakespeariana, grita e repete, desesperado, “Um cavalo! Um cavalo! Dou meu reino por um cavalo!”, o sinistro soberano, involuntariamente, imortalizou o débito humano para com essas admiráveis criaturas. De certa forma, naquele momento de aflição, prestou o devido tributo a esses majestosos animais. Sem eles (e as outras tantas dádivas da natureza), os reinos humanos nada valem. (limajb48@gmail.com)